Ao seu Amº.
J. Rebello de Carvalho

A LYRA

PUBLICAÇÃO LITTERARIA

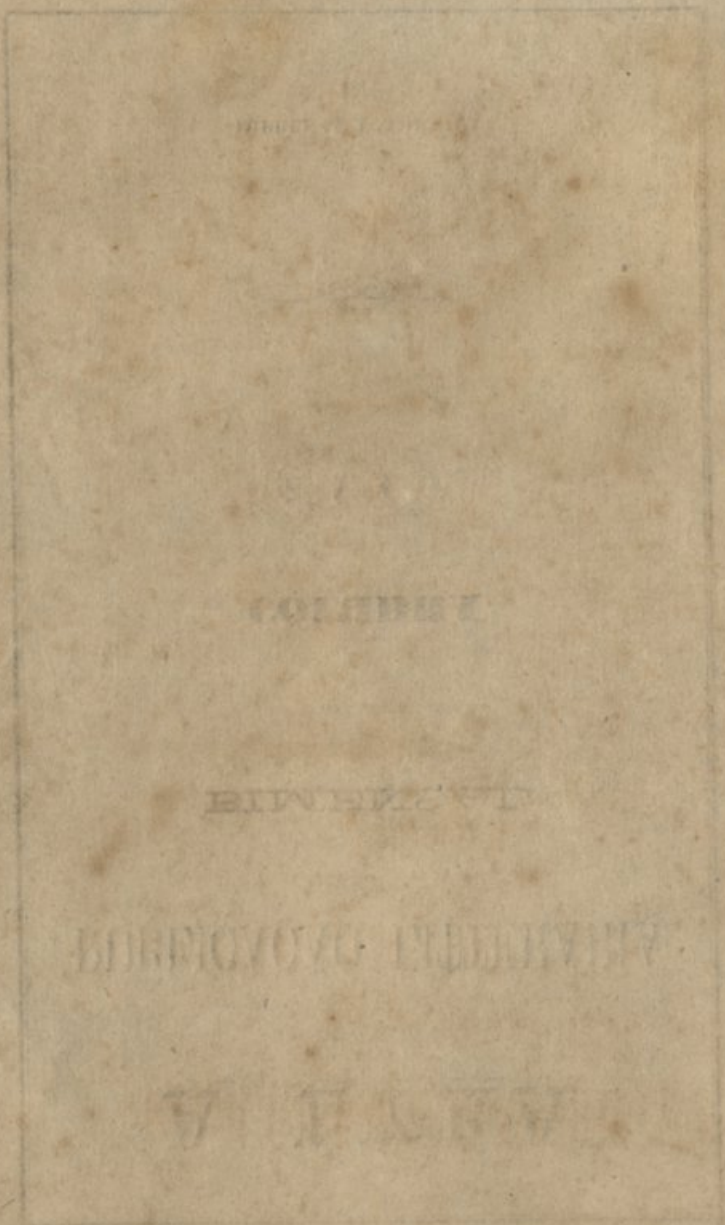
BIMENSAL

COIMBRA

N.º 1

IMPRENSA ACADEMICA
1871

BIBLIOTECA GERAL DA UNIVERSIDADE DE COIMBRA
LIVRARIA
BELISÁRIO PIMENTA
REVISTAS



A LYRA

PUBLICAÇÃO LITTERARIA

BIMENSAL

PREAMBULO

No firmamento da moderna litteratura, marchetado de mil soes fulgentes, não é raro lubrigar-se o debil brilho d'uma e outra estrella, que, apezar de viverem uma vida ephemera, se tornam, com tudo, crédoras para com a humanidade pela sua ainda que fraca influencia, prestada á santa cruzada da civilisação.

Symbolos das aspirações de espiritos, forcejam por içar-se a páramos, donde irradia a luz do progresso, com o nobre intuito de ahi colherem balsamo que suavise as ulceras da ignorancia lethargica, em que os homens jazem acorrentados.

Mas tão sublimes ambições cahem muitas vezes fulminadas pelo raio da indifferença! O fragil barco que as conduz succumbe ao poder da procella, e o naufragio é inevitavel. A sua queda, porém, attesta ao mundo o vigor de uma alma que não receiou antolhar impassivel o tumulo, como balisa entreposta aos seus vôos.

Tributando ao esquecimento estas funestas eventualidades, aquelles, a quem no cerebro pullulam as idéas do progresso, repellem o dominio do desalento sobre o seu coração e caminham e sobem instigados pelo aculeo da esperança. É que a esperança, perdularia de blandicias para com o homem até ao ultimo suspiro da existencia, anima-o a seguir ávante na estrada que encetou, como out'rora a nuvem de fogo servia de bussola a Moysés, internado no deserto.

A esperança tambem é o nosso pharol. Sem desfitarmos os olhos d'ella, tentamos erigir este exiguo monumento, em cujo destino talvez se divise o luctuoso cunho d'uma morte precoce. Mas não importa. Resta-nos como galardão aos nossos exforços o termos mais uma vez justificado o dicto de Eugene Pelletan—*le monde marche.*

Coimbra, 24 de Janeiro de 1874.

RAUL DE CASTRO.

IMPORTANCIA DOS ESTUDOS HISTORICOS NAS SCIENCIAS JURIDICO-SOCIAES

E

O ENSINO DA HISTORIA EM PORTUGAL

I

É, por todos os homens que se consagram ao estudo e ensino superior das sciencias *sociaes,* bem sabida e apreciada a necessidade, e por isso a elevadissima importancia, dos conhecimentos historicos, como preparação e auxiliar, fonte de conhecimentos e meio comprovativo.

Os grandes factos da evolução historica, factos de ordem politica, religiosa, moral e economica nas suas intimas relações com o solo, com as divisões do territorio, clima, população, linguagem e outros elementos da vida social, esses factos, que os annaes da civilisação progressiva da humanidade registram e guardam, sua critica e synthese philosophica, são, com effeito, indispensaveis no estudo e aperfeiçoamento das sciencias denominadas *positivas,* para explicar e avaliar os phenomenos e as instituições sociaes nas suas causas e effeitos, e determinar a sua necessidade, conveniencia, manutenção, substituição ou reforma.

Não ha precisão de o demonstrar áquelles a quem o muito saber e experiencia têm por certo evidenciado,—que é impossivel sem o seu estudo caminhar com passo firme e seguro no campo das sciencias antropologicas e sociologicas, em suas diversas regiões, das quaes as mais importantes e vastas entram na carta, no plano e nos amplos e lusidos programmas dos cursos que actualmente se agrupam na faculdade de direito da Universidade de Coimbra e outros cursos superiores.

A legislação é o thermometro por onde se gradua e mede a civilisação de um povo, em todas as phases da sua vida e em todas as espheras da sua actividade collectiva.

A legislação, os codigos são uma especie de urna sagrada onde os seculos e as gerações depositam a herança e guardam os restos preciosos de uma civilisação que passa; o espelho do presente e a extrema do horisonte, onde se alevanta a aurora de melhores futuros.

A historia guarda os annaes incorruptiveis, onde se archivam os factos, onde se registram as necessidades, as riquezas, as privações, os costumes, as virtudes, a prosperidade, a civilisação, a decadencia, as glorias, os crimes e as baixezas dos povos e dos governos.

Assim é, que estudar a historia é definir e explicar as leis e o direito, sempre, mais ou menos, uma formação, um producto historico; e pelas leis se avalia a situação politica, moral e economica de um povo, nos differentes periodos da sua existencia e progressivo desenvolvimento.

O estudo da legislação romana demanda necessariamente o conhecimento geral e synthetico da civilisação d'aquelle grande povo. Bem o comprehenderam Vico, Savigny, Niebur e outros.

O direito nacional ou patrio, politico, civil, commercial, administrativo, financeiro, e penal, a organisação judicial, a theoria do processo etc. não poderão ser bem comprehendidos, nem o seu estudo e ensino fazer-se com aquella profundeza e vastidão que a instrucção superior exige, sem remontar ás origens, penetrar nas fontes, e ligar em uma synthese historica os factos que os contêm e explicam, unindo todos os membros dispersos de um completo organismo scientifico e litterario.

(Continúa)

E. G.

MELANCOLIA

O sol desapparece e tu despontas
Deusa do meu viver, desces do ceu,
Alvejas entre as sombras qual um anjo
Que vem trazer esp'rança ao que a perdeu.

Rainha do crepusculo—abre o teu manto,
Esconde-me em teu seio, onde o soffrer
Tem suave magia que embriaga,
Que abrasa, em te adorar todo o meu ser.

Senta-te alli commigo nessa gruta,
Onde o lyrio e a cecem fallam d'amor;
Em que a fonte deslisa entre o velludo
Do prado que pisamos—todo em flor.

Assim, fada gentil, celeste amiga
D'aquelles que, a gemer, vivem de ti,
Afaga-me esta mente em que se agita
A ambição de um viver que já perdi.

Vi-te a nevada mão sobre o meu berço,
Onde o pranto materno ia cair,
Encontrei-te depois velando a estrella
Que eu fitava ao pensar no meu porvir!

Teu olhar meigo e triste, a negra trança
Que a brisa, em beijos mil, te desprendeu;
A fronte lisa e pura, descahindo
Como quem, a scismar, se adormeceu;

Fascinou a minha alma:—idolatrei-te,
Tua sempre fiquei:—mal finda o dia,
Ninguem procure a filha do infortunio
Senão nos braços teus—melancolia!

Coimbra -1865.

AMELIA JANNY.

DESALENTO

A minha vida é triste como um tumulo
abandonado e só.
A minha vida é o caminhar do automato
das ruinas no pó.

A minha vida é quasi extincta lampada
nos braços d'uma cruz,
a projectar a mêdo os raios trémulos
da muribunda luz.

E eu levo a minha cruz buscando o Golgotha
sem podel-o encontrar;
que não vejo uma estrella, uma luz pallida,
que me possa guiar!

E eu neste oceano immenso vou sem bussola
das ondas á feição,
té que aos rochedos d'uma praia inhospita
me arremesse o tufão.

Debalde ancioso lanço d'estes páramos
em torno os olhos meus;
olho... e nem vejo a sombra d'uma arvore!
chamo... e nem me ouve Deus!

Senhor! manda-me esse anjo d'azas candidas
que Tu mandaste a Agar;
mostra-me a fonte, este deserto é árido...
quero a sêde matar!

Na ardentia da dôr o pranto secca-se
assim que aos olhos vem;
na dôr pungente as lagrimas são balsamo...
quero chorar tambem.

A' flor que vai murchar faz bem o rócio
que lhe envia a manhã,
a mim tambem me fazem bem as lagrimas;
a dôr é minha irmã.

Dilecta irmã do filho do infortunio
jámais o abandonou,
se o repudía a f'licidade perfida
que luziu e passou!

E a f'licidade em mim passou tão rapida
que eu nem a conheci!
Nem eu sei se foi ella, se, sonhando-a,
foi a sombra que eu vi!

Coimbra.

ACACIO ANTUNES.

ALDARA

I

O campo é triste no inverno, mas se a tempestade acorda os echos do valle, cobrindo as montanhas com o seu negro véo, a alma do viajante sente-se opprimida, se elle a sós precorre o estreito atalho, que serpeia por entre pinheiros em cuja rama o vento da serra desprende o seu infernal concerto.

A tarde ia feia; o caminho era ingreme e como que cortado a prumo pelo outeiro acima. No fundo do valle gemia a torrente em apertado leito e ia despenhar-se além em elevada queda, deixando que, com a sua espuma alva de neve, o vento burrifasse a urze da montanha e a alcachofra do campo. A' direita erguia-se o cerro alcantilado e ingreme em cujo cimo a piedade christã havia levantado uma pobre ermida, que o dedo descarnado dos tempos tinha desmoro-

nado, implacavel como a morte, deixando apenas uma cruz entre um montão de ruinas, cruz que as heras tinham enleiado em estreito abraço como para perseveral-a da passagem destruidora dos seculos. A' esquerda estava o valle profundo e tão escuro, que a custo 'nelle se devisava o caminho que, como aborrecido de tão longa oppressão, se estendia tortuoso pelo monte acima e se dirigia ao casal.

Ao longe a cidade começava de envolver-se nas trevas, deixando apenas surgir 'no alto da nebrina da tarde os campanarios das torres. O vento açoutava medonho os ramos das arvores e descia impetuoso a agitar as aguas da torrente, que misturava o seu surdo gemer ao desenfreado rugir da procella.

O ceo era pesado e escuro. Grossas nuvens trazidas do sul se agrupavam por sobre as montanhas e as trevas, que desciam, principiavam a ser rasgadas pela luz azulada dos relampagos, que indicavam a marcha apressada d'um temporal desfeito. Ao longe o trovão rolava 'nos ares e ia repercutir-se de valle em valle, de monte em monte, a expirar além 'no espaço infinito. A chuva começava a cahir em grossas e pesadas gotas, e para quem, por desgraça sua, atravessasse o caminho do casal, 'naquella hora, não lhe restaria de certo outro abrigo que não fosse os ramos das arvores despidos das folhas que o pallido outono havia espalhado por terra e lançado ao vento, mas, apezar d'isso, dois viajantes, moços ainda ao que parecia, subiam vagarosos a senda tortuosa que se desenroscava pelo outeiro acima, ingreme como elle e talhada por entre precipicios medonhos.

A lufada do sul ondeava-lhes as capas e os cavallos, que os conduziam, paravam de quando em quando, se os relampagos, illuminando a estrada, lhe feriam a vista.

A par um com o outro os dois cavalleiros seguiam silenciosos o seu caminho e como que absortos 'num meditar profundo, de que a aspereza da estrada e o rugir da tempestade parecia não ter força de acordal-os.

D'onde vinham e para onde seguiam, segredo era de certo, pois que a não ser que caso urgente os impedisse de reflectir, difficil seria de certo encontrar quem, a taes horas e por tal tempo, se arriscasse a tão perigosa jornada. E,

todavia, elles seguiam ávante sem que a violencia do vento ou as ameaças da tempestade furiosa os desviasse do trilho, ou fizesse retroceder na sua marcha.

D'alli ao casal mais proximo havia, pelo menos, duas horas de caminho por atalhos que orlavam serras ou subiam montanhas onde, por dias claros, era mister viajar com cuidado, e, apezar d'isso, os mysteriosos cavalleiros não se dispunham a parar e obrigavam os seus corseis a internar-se mais e mais 'numa estrada que era preciso conhecer mui bem para não errar.

Quando chegaram á pequenissima planura do monte a tempestade, desencadeada, rugia medonha, echoando nos valles. A voz de Jehovah transpunha os ares para amedrontar a terra, e 'naquella hora mais que uma filha se acostava ao seio da mãe, mais que uma esposa se escondia nos braços do marido e mais que uma peccadora se ajoelhava aos pés do Christo, tremula, livida como o condemnado para quem sôa a hora fatal de doloroso supplicio.

Chegados alli, os dois homens pararam. Um d'elles, o de porte mais nobre, ergueu altivo a fronte como se desafiasse o raio dos ceos; depois, á luz rapida do ethereo fogo, buscou orientar-se do logar onde estava e murmurou para o seu companheiro:

—E' aqui. Avisa-o, que não deve estar longe.

O companheiro deixou que o echo do ultimo trovão morresse no espaço e, levando os dedos aos labios, desprendeu tres assobios prolongados, que se ouviram longe. Então, d'entre a sebe mais proxima, sahiu uma figura humana, a quem as abas do largo chapeo encobriam o rosto e pesado capote abrigava as espaduas.

—E's tu, João? perguntou o viajante que primeiro quebrara o silencio.

—Sou eu, senhor, respondeu o novo personagem, que acudira ao signal do cavalleiro.

—Que noticias me trazes?

—Um annel.

—Bem. Podemos marchar, respondeu o cavalleiro, guardando uma pequena lembrança, que João lhe entregara. E o caminho?

—O bosque. Rui, mal principiou a tempestade, dividiu

a sua gente, e mandou um grupo para o atalho que conduz á villa e o outro para a estrada que leva á cidade. A floresta está livre. Pode v. ex.ª seguir, que no fim d'ella estarei eu para o guiar.

—E que caminho segues?

—A levada. E sem esperar outra pergunta, João embrenhou-se no mato e começou a descer o outeiro em direcção da torrente.

Os cavalleiros esporearam os cavallos e, dentro em pouco, entraram na floresta por um estreito atalho que a custo se avistava.

A tempestade continuava violenta e o vento dobrava furioso os ramos das arvores a fazel-os beijar o chão.

Chegados ao fim do bosque, apeiaram-se e esperaram, mas silenciosos como tinham vindo até alli. O que havia recebido o annel entregou a redea do cavallo ao seu companheiro e, antes de seguir João, que acabava de apparecer, disse apenas ao que ficava:

—Aguarda-me no moinho uma hora, um dia, um anno, até que eu tenha voltado, ou que João te affirme que eu morri.

—Descance, respondeu seccamente o outro, levando a mão ao chapeo. Que Deus o guie.

E montando 'num dos cavallos e tomando o outro pela redea, dirigio-se para o interior da floresta em busca do atalho que devia seguir.

João e o mysterioso viajante contornaram uma pequena elevação e avistaram o casal que alvejava por entre os laranjaes. Na janella esperava-os uma mulher.—Era Aldara.

A tempestade, se não tinha cessado, tinha-se, pelo menos, affastado para longe.

(Continúa.)

CESAR DE SÁ.

RESPOSTA

Não sei bem como responda
ao teu pedido nest'hora:
pedirei a cada onda
uma harmonia sonora?...

ou irei a ver se o vento
quando passa na floresta
alguma nota me empresta
do seu concertado accento?...

buscarei sons na corrente
que pelo prado deriva?
no canto d'ave captiva,
carpindo languidamente?...

Mas ando longe do mar,
nem ouço o vento na matta,
nem correm rios de prata,
nem andam aves no ar.

Oh! se eu agora podera
modular-te um canto terno!...
se, em vez das sombras do inverno,
me sorrisse a primavera!..

.....
.....
.....
.....

Olha, queres um poema
d'uma eterna duração?
não me perguntes o thema,
interroga o coração.

Coimbra, 11 de novembro de 1873.

SILVA RAMOS.

FRAGMENTO

. . . . . .
Se passam as alegrias
Tambem nos fogem as dores;
Se murcham no prado as flores
Outras mais bellas virão.
Se affeições só enganosas
Se esvaem, doces chímeras
Tenho fé que outras sinceras
Hão de vir ao coração.
. . . . . .

Coimbra.

J. M. FRAGOSO.

ANHELOS

Volve teus olhos d'um languor suavissimo,
casta filha de Deus!
que eu quero ao menos entrever o empyreo
nelle fitando os meus...

que eu quero ao menos enlevar-me em extasis
nessa divina luz!
—na ancia cruenta do escarpado Golgotha,
olhou p'ra o ceo, Jesus!

Descerra os labios d'uma forma angelica
e falla-me do ceu!
que eu quero ao menos escutar a musica
d'uma harpa que gemeu;

que eu quero ao menos na harmonia mystica
sonhar o creador...
—já que eu não posso merecer-te a dadiva
d'um sorriso d'amor!

Abre teu seio d'um alvôr purissimo,
thurib'lo de Jehová!
que eu quero ao menos delibar o balsamo
que vida e morte dá!

que eu quero ao menos nesse olhar dulcissimo
esta sêde fartar...
Depois... apague-se esta luz ephemera...
depois... sonhar, sonhar!

Figueira, novembro de 1873.

C. NOVAES.

SONETO

A J. EDUARDO LAIDLEY

Amei-a loucamente, e com delirio,
Tributei-lhe a minha alma, crenças, tudo!..
Encontrava o sorriso frio e mudo
Augmentando no seio o meu martyrio!

Que sonhos d'illusões, mar de chimeras
Me cahiram ao sopro do desdem!
Derrocou no meu peito o doce harem
Das esp'ranças d'eternas primaveras!...

O porvir tão risonho foi por terra;
Ficou-me dentro d'alma a solidão:
Nem vislumbre d'esp'rança o peito encerra!

Oh! seja o esquecimento meu irmão!...
Despareça o martyrio que me aterra,
Ou baixe o frio corpo ao frio chão...

Coimbra, janeiro de 1874.

JOÃO D'AMORIM.

SUMMARIO

Preambulo— de RAUL DE CASTRO—*Importancia dos estudos historicos nas sciencias juridico-sociaes*, por E. G.— *Melancolia*—poesia pela Ex.ma Sr.a D. AMELIA JANNY— *Desalento*—poesia por ACACIO ANTUNES—*Aldara*—romance por CESAR DE SÁ—*Resposta*—poesia por SILVA RAMOS—*Fragmento*—por J. M. FRAGOSO—*Anhelos*—poesia por C. NOVAES—*Soneto* por J. D'AMORIM.

CONDIÇÕES DA ASSIGNATURA

EM COIMBRA		FÓRA DE COIMBRA	
POR MEZ.....	120 REIS	POR MEZ.....	130 REIS
POR TRIMESTRE.	360 »	POR TRIMESTRE.	390 »

EXPEDIENTE

Roga-se aos srs. assignantes o obsequio de mandarem satisfazer as suas assignaturas com a possivel brevidade, dirigindo a correspondencia para a rua dos Militares n.º 43—Coimbra—a J. D'AMORIM.

A LYRA

PUBLICAÇÃO LITTERARIA

BIMENSAL

COIMBRA

N.º 2

IMPRENSA ACADEMICA
1874

A LYRA

PUBLICAÇÃO LITTERARIA

BIMENSAL

IMPORTANCIA DOS ESTUDOS HISTORICOS NAS SCIENCIAS JURIDICO-SOCIAES

E

O ENSINO DA HISTORIA EM PORTUGAL

II

Bem positiva e cautelosamente o preceituaram os sabios estatutos da Universidade [1]; bem o comprehenderam, demonstraram e procuraram conseguir, logo depois, o clarissimo dr. Mello Freire [2], e, modernamente, o eximio dr. Coelho da Rocha nos seus importantes e valiosos trabalhos de penosa indagação, synthese e critica historica [3].

Fóra da Universidade, e como continuador, levantou, no mesmo campo, a sua tenda, e travou-se em arriscada e gloriosa luta com o obscurantismo, o nosso eminente historiador philosopho, sem duvida o primeiro homem de lettras d'este paiz, o sr. Alexandre Herculano [4]; com o mesmo empenho e debaixo de egual bandeira, se foi alis-

[1] L. II, Tit. III, Cap. V, § 27, e especialmente o Cap. VI.
[2] *Historia juris civilis Luzitani et Elenchus.*
[3] *Ensaio sobre a historia do governo e da legislação em Portugal.*
[4] *Historia de Portugal*, 4 vol.—*Origens da inquisição em Portugal.* —Varios fasciculos e artigos em differentes jornaes, especialmente no *Panorama.*

tar e militou o sempre saudoso e muito erudito sr. Rebello da Silva [5]; e em varios dos seus primorosos e succulentos escriptos, o proclama bem alto o nosso collega o sr. dr. Theophilo Braga.

O estudo do direito ecclesiastico, geral e particular, das Egrejas da peninsula, exige o conhecimento da civilisação chrístã, em todas as suas phases e transformações successivas, nas suas relações com outros cultos e com o mundo politico, moral e economico, nos primeiros seculos da sua existencia, no longo e fecundo periodo da edade média, inexplorado e quasi desconhecido entre nós, durante e depois da renascença, durante e depois da reforma do seculo XVI, ao lado das monarchias consolidadas, por todo o tempo em que se operaram revoluções scientificas, litterarias e artisticas, e finalmente no meio das lutas politicas dos seculos XVII e XVIII e principios d'este, no qual outras se vão elaborando, talvez mais radicaes e fecundas.

E não menos importantes são para as sciencias economicas e administrativas e para o direito penal os conhecimentos historicos.

III

É certo, porém, que os estudos philosophico-historicos, a critica e a synthese dos factos, que constituem as civilisações antiga e moderna, tão explorados em Allemanha, na Inglaterra e em França, não têm progredido entre nós; e a causa está na falsa, espuria e imperfeitissima organisação dos nossos estudos, os quaes obedecem ainda aos programmas clericaes e ás inspirações do claustro. Estacionarios no pedestal que lhe levantaram alguns esforçados obreiros, permanecem aquelles monumentos occultos nas bibliothecas e no gabinete de alguns sinceros amantes e cultores da sciencia historica; quasi que não têm servido de exemplo, nem despertado emulação, nem inspirado gosto e interesse áquelles que, por obrigação moral e legal, encargo e profissão, deveriam alistar-se como voluntarios nestas santissimas cruzadas do saber humano.

(Continúa) E. G.

[5] *Historia de Portugal*, nos seculos XVI, XVII e XVIII.

O AGIOTA

I

Quando eu, vencendo escrupulos, me achego
ao vampiro famelico da usura,
faz-me elle recordar pela figura
o escudeiro fiel do heroe manchego.

Contemplo aquelles bócios e o rofego
que lhe ondula a ciclopica estatura,
e a face que, na côr e na gordura,
traz á idéa o presunto de Lamego.

Insinua, na voz, fallaz doçura,
em estylo parente do gallego,
e joga a bisca com o padre-cura;

Passeia só á beira do Mondego;
e, se traja capote em noite escura,
dil-o-heis involto em azas de morcego.

II

De livros, leu em tempos o *Lunario;*
fundo na sua peculiar sciencia,
colhe os fructos da velha experiencia
e nem lê as noticias do *Diario.*

Traz comsigo archeologico rosario,
vai á missa, é beato na apparencia,
e costuma lavar a consciencia
ao pé do expurgador confissionario.

Em feliz e invejavel indolencia,
explica ao filho, em volta do larario,
lições de economia e de prudencia.

Nunca dá cinco reis a um proletario,
mas falla muita vez da Providencia,
e nunca fallou bem d'um usurario.

CANDIDO DE FIGUEIREDO.

ALDARA

II

Ermo de casas era o valle, e apenas por entre aquelle arvoredo enorme e copado a vista podia descobrir o torreão gothico, ora vandalicamente caiado, que, tendo sobrevivido a castello mourisco, ficára sentinella perdida até o momento em que Rui de Castro lhe fizera addicionar a sua vasta casa de architectura singela, levantada sobre ruinas que attestavam passadas glorias. A quinta era murada, mas de muros tão grossos e elevados, que facil seria tomal-os por fortaleza, que bem dura tornaria a luta a quem tentasse á força ultrapassal-os. Tres portas pequenas e estreitas, mas fortemente chapeadas de ferro, facilitavam a communicação para qualquer dos lados, e, para a estrada, olhava a porta principal encerrada entre duas columnas, seculos antes sustentaculo de um arco, cujos fragmentos figuravam agora entre a alvenaria do muro gigante.

Dentro da porta havia como que um labyrintho tecido de ramos de arvores cobertos de trepadeiras, e que, apesar de conservarem entre si grandes distancias, obrigariam facilmente a perder-se quem sem guia experimentado ousasse demandar a escada do predio que alvejava além. Para as ruas, dispostas com symetria extraordinaria, davam passagem quatro grandes entradas em tudo eguaes, e os quatro caminhos que d'ellas corriam, convergindo todos ao mesmo ponto, paravam num pequeno largo d'onde sahiam varias outras ruas, que, como aquellas, conduziam a outros tantos largos em tudo similhantes. De todos elles se avistava o torreão do casal, e quem percorresse qualquer dos caminhos

que d'alli saiam, dentro em pouco conheceria que mais e mais se afastava da sahida procurada.

O cavalleiro desconhecido, porém, entrou com passo firme a porta que João lhe abriu, e, dirigindo-se ao primeiro largo, continuou voltando sempre sobre a esquerda até que, aproximando-se de uma parede vestida d'hera, tocou um botão escondido sob a folhagem, e uma porta sufficientemente larga se lhe abriu a dar-lhe passagem. A dois passos estava a vivenda onde o esperava Aldara.

Um instante depois a moldura de um enorme espelho girava sobre dois gonzos, e dava-lhe entrada numa sala da torre, que, embora d'estylo pesado, estava, comtudo, mobilada com a maior elegancia. Na janella longas cortinas de seda carmesim pendiam do tecto até o chão, d'onde as desviavam custosas abraçadeiras de metal esmaltado.

Cobriam as paredes finissimos pannos de raz, e o chão custoso tapete de bem combinadas côres. A mobilia era de mogno, estofada de gorgorão de seda em tudo egual ao dos resposteiros das duas portas, que visivelmente a sala parecia ter.

Sobre o fogão um relogio de bronze de exquisita elegancia fazia oscilar o seu pendulo entre duas serpentinas de massiça prata, e defronte, sobre uma meza, um riquissimo candieiro de bronze com um enorme globo esclarecia este paraizo de fadas, este salão encantado onde appetecia encontrar uma d'aquellas moiras legendarias mais elegantes que a palmeira do deserto, mais formosas que as houris celestes.

O desconhecido, entrando, fechou cuidadosamente a moldura que lhe havia dado passagem, e, lançando sobre a primeira cadeira o chapeo e a capa, installou-se commodamente no sophá.

Era um mancebo de menos de trinta annos, pallido e loiro como o sonham donzellas em seu dormitar celeste. Vestia sobrecasaca preta cingida por um cinto de verniz que lhe segurava um par de pistolas de grande alcance, calção preto e bota de polimento, que subia até o joelho calçando admiravelmente.

Conhecedor da casa, pelo que parecia, recostou-se socegadamente e aguardou em silencio a apparição d'alguma

pessoa, sem que, ao menos, a curiosidade inherente a quem com tanto mysterio se introduz n'um *boudoir*, o levasse a espraiar a vista pela sala e a indagar quanto se encontrava alli.

Passados cinco minutos Aldara appareceu á porta. Era uma criança de vinte annos deslumbrante de formosura e de elegancia. Pairava-lhe nos labios um sorriso de archanjo, e os cabellos, d'um negro de ébano, eram rematados por um laço de fitas que tinha no centro um brilhante de enorme custo. Vestia de seda escura, mas com tanta graça, que difficil seria imital-a, ainda mesmo quem, como ella, fosse tão formosa e joven.

Ao apercebel-a, o desconhecido ergueu-se e disse-lhe apenas:

—Mandaste-me chamar; aqui me tens.

Aldara estendeu-lhe a mão pequenina e rosada, onde elle depositou um beijo. Então ambos se dirigiram para o sophá, e Aldara sentou-se ao lado do homem que a procurava, depois de collocar sobre a mesa um pequeno cofre de madeira marchetado de madreperola.

—Já me tardavas, Alberto, disse a donzella apertando-lhe a mão. Receiei que não quizesses dar-me a felicidade de te agradecer mais este sacrificio.

—Parece-me ver-te os olhos macerados. Choraste, Aldara? perguntou Alberto.

—Muito. Infelizmente nem um só dia deixo de soffrer, meu amigo. Se tivera a felicidade de poder escutar-te a todos os momentos, talvez os meus labios podessem sorrir na tua ausencia. Condemnaram-me na infancia a soffrer; hei de cumprir resignada a sentença que o destino me impoz, sem que me reste esperança da alegria que sonhei.

—Animo, Aldara. Este mysterio que nos cérca ha de desapparecer para sempre, e então poderei eu sorrir dos teus sorrisos, vendo-te feliz tambem. Estou disposto a não sahir d'aqui em quanto não descobrirmos toda a verdade. Um dia, um mez, um anno, pouco importa para quem vive ignorado do mundo que não sentirá a sua falta. E' preciso, porém, que Rui me não veja hoje. A'manhã, no outro dia, talvez, poderei fallar-lhe sem receio.

—Deus o queira, murmurou Aldara.

A moldura do espelho girou novamente sobre si, e João entrou na sala. Trazia n'uma salva de prata uma carta e uma medalha.

—Até que em fim! murmurou Alberto, quebrando o lacre da carta. A felicidade principia a sorrir.

(Continúa.) CESAR DE SÁ.

DESILLUSÃO

Quem me diria a mim que tu, mulher,
tu, que eu julgava um anjo do Senhor,
tu, que eu amava tanto
havias de quebrar, tão cedo, o encanto
do teu jurado amor!

Quem me diria que os meus sonhos d'oiro
em que sonhei tão florido porvir,
como o floco de neve
que o sol desfaz em breve, assim tão breve,
me haviam de fugir!

Teu divinal sorriso, teus protestos,
essa doce expressão do teu olhar—
linguagem de veludo...
era mentira tudo, tudo, tudo!
Quem te ha de acreditar?

Como tu me enganaste! como tu
minha vida comtigo me levaste,
e crenças, e socego!
Ai! filha, filha! que profundo pégo
a que tu me lançaste!

Que hei de eu fazer agora! Em que hei de eu crer?
Que vida a minha! se tal nome tem
este viver sem vida!
Esp'rança, ó minha esp'rança emmurchecida,
mentiste-me tambem!

Que sonhos que eu sonhei! que f'licidades
eu fantasiei na mente! Ai! que de amor,
que de amor eu sentia!
E tudo se me foi! —Só dia a dia
mais cresce a minha dôr!

Deus te perdoe o mal que me fizeste
e permitta que nunca em vida tua
soffras como hei soffrido!
Goza!—que eu vou como o baixel perdido
que nas ondas fluctua.

Hei de encontrar um porto.—A vida é curta,
curto o caminho a percorrer. Eu vou
sem luz, sem um carinho,
sem crenças, sem amor, sem ti—sosinho
co'a dôr que me ficou!

Dezembro de 1873. ACACIO ANTUNES.

A MARIA

Ao tenteares as chagas tão profundas
que no meu coração penas formaram,
por tuas lindas faces pudibundas
lagrimas de piedade resvalaram:

Os teus madidos olhos se fitaram
sobre meu rosto pallido de dores;
e os teus suaves labios murmuraram
uns termos divinaes, consoladores.

Minha querida irmã, bemditas sejam
minhas acerbas chagas que gotejam
o sangue com que a vida se me escôa:

que por ellas eu creio na amizade,
creio no amor e creio na piedade,
e por ellas minha alma te abençôa.

Coimbra. ANTONIO CARDOSO.

AITORVIC

(Tradicção americana)

A pequena distancia do vulcão de Antuco começa Bio-Bio a ramificar-se, dividindo os territorios do Chili e de Arauco. O vulcão fica ao oeste da Conceição; espessos turbilhões de fumo annunciam a sua mysteriosa existencia. Que fogo inextinguivel se alimenta em suas entranhas? Porque motivo encerra Deus esse brazeiro no fundo da sua cratera? Qual é a causa da intermittencia da sua vida extraordinaria? Em virtude de uma espantosa fatalidade, as suas erupções foram sempre, para os indios, preludios de grandes acontecimentos. Se se enfurece durante a lua nova, é para elles ponto de fé que Deus abençoará as tribus e derramará sobre ellas paz e abundancia. Se se apaga pelo minguante, é então signal de que o Omnipotente espalhará pelo mundo o espirito da discordia e da guerra.

O vulcão estava coroado de nuvens de espesso fumo que em golfadas sahiam da sua cratera, e a lua, que nascia magestosa, innundava a terra com o seu clarão.

Uma tribu de Moluchos descançava no flanco da montanha e preparava-se para marchar. Era commandada pelo cacique Lalin-Clou, o aranha negra. Outra de Ranquelos partia das margens do rio Vermelho. Era capitaneada por Pullu-Thapi, o alma d'Agi, o indio mais valente dos Andes. Outra de Thehuelcos, d'esses que habitam as montanhas e os pampas, e que se dividem pelos desertos, sem agua nem arvores, que orlam a costa de S. Jorge, marchava rapidamente, conduzida por Caine-Buta, o grande inimigo.

Das margens do rio Cauten tinham partido, turbulentos e alegres, os batalhões de Them-Cani, o velho amigo, o mais nobre dos caciques. Era chefe da sua raça pela sua origem real e pela prudencia, coragem e energia de que era dotada a sua alma.

Estas tribus vinham acampar nas margens do lago Nahuel-Huapi, para celebrar o grande tratado de paz e os selvagens presagiavam dias felizes vendo, á luz da lua, as espessas nuvens que vomitava o monte Antuco.

Aitorvic, a estrella da tribu, acompanhava seu pae Them-Cani. Delicada como o jasmim, melancolica como o canto do rouxinol, innocente como a rola da floresta. Era formosa assim!

Aos dezenove annos a corôa do hymeneu devia unil-a para sempre ao cacique Pullu-Thapi e o seu casamento sellar o pacto das innumeraveis raças que povoam os Andes. D'esta união nasceria uma alliança perpetua e uma paz bemfazeja.

Tudo se preparava para o momento solemne. As tribus dos Andes, da beira-mar, dos pampas, das gargantas do Cauca-Mugida, das margens do rio Vermelho e do Zalaza; as tribus vizinhas da Conceição e da embocadura do rio Negro, que corre do oriente para o occidente entre a Patagonia e a Republica Argentina, vinham todas conduzidas pelos seus caciques.

A noite estava silenciosa; a lua e as estrellas brilhavam com o mais vivo fulgor no azul dos ceus. As hervas odoriferas que crescem nas encostas embalsamavam o ar, e as bordas da cratera estavam inflammadas como um annel de fogo.

Them-Cani, em uma de suas batalhas, havia recolhido d'entre os cadaveres o corpo de um capitão, cujo peito tinha sido trespassado por uma frecha envenenada. O piedoso cacique lhe ministrou hervas contra o veneno, e, passadas longas semanas, o capitão recuperou novas forças, estendeu a mão amiga ao nobre Them-Cani, tornou-se seu companheiro e seguiu-o nos combates contra os patagões.

Them-Cani offereceu-se ao capitão para o conduzir á sua patria e dividir com elle os seus thesouros; não sabia como desvanecer a tristeza do amigo.

Era na tarde do dia da grande alliança. O capitão estava sentado na margem silenciosa do lago Nahuel-Huapi, quando ouviu timida voz que o chamava.

Era uma indiana, das mais bellas e delicadas, que, rapida como uma setta, se precipitou, banhada em lagrimas, nos braços do captivo.

—Capitão, lhe disse ella, queres abandonar-me para sempre! Desejas que eu morra! Se te apartas d'aqui, só na eternidade me tornarás a vêr: a dôr cerrar-me-á os olhos. Ai! a tristeza que sinto a custo me deixa respirar!

—Assim é preciso, Aitorvic, lhe respondeu o capitão. O teu enlace com Pullu-Thapi deve terminar a guerra sanguinolenta das tribus. Pullu-Thapi ama-te. Ausentar-me-ei d'estas paragens para que sejas feliz e para que as tribus te abençoem.

—Não, meu amor, não, respondeu a indiana: este coração palpita e vive só por ti... não te vendo, são trevas a luz que os meus olhos vêem; longe de ti, o ar que respiro suffoca-me. Não me abandones, porque o teu adeus seria o ultimo momento da minha vida!

—Aitorvic, a perfidia e a ingratidão nunca tiveram asylo em minha alma. Teu pae deu-me hospitalidade na sua tenda, sem ao menos pôr um véo entre o meu leito e o teu. Confiou no amigo, consentindo que dormisse no lar de sua filha, innocente e pura como um anjo. Fez bem, porque a minha alma é como a d'elle. Ai! querias despedaçar-me o coração arrastando-me para a perfidia e para o crime! O ceu poz entre nós um abysmo: essa lua, essas estrellas que não verei por muito tempo das margens do Nahuel-Huapi! Esta é a ultima vez que ouves as minhas

palavras. Mas eternamente, na solidão da minha alma, escutarei a tua voz doce como o mel, e o teu sorriso e as tuas lagrimas leval-os-ei commigo para o tumulo. Adeus, Aitorvic! O Senhor te proteja!...

Depoz-lhe na fronte um beijo com toda a ternura de um pae, de um irmão, de um amigo, de um amante, e separou-se da indiana, contemplando-a atravez das lagrimas que lhe marejavam os olhos.

Aitorvic inclinou a cabeça, pallida como um lyrio.

—Até ao ceu! exclamou ella, caindo quasi morta.

(Continúa) Traducção de FERNANDES ROCHA.

ESCUTA, DIZ, PERDOA!

Candida virgem que meu peito adora!
Se ás vozes d'alma dás apreço e mimo,
se ellas podem dizer-te o que te estimo
e sem mentira, sem lisonja ou arte...
escuta-me!

Amo-te e muito! Nos teus olhos doces
vejo mundos de luz, d'amor e vida!
Descerra-me os teus labios, pomba q'rida!
Se amor te embala nos doirados sonhos
responde-me!

Mas se te enfadam meus affectos meigos,
se os extremos desprezas da ternura;
se crês n'esta affeição uma impostura...
não mais levantarei p'ra ti meus olhos...
Perdoa-me.

Figueira—Novembro—1873. C. NOVAES.

SUMMARIO

Importancia dos estudos historicos nas sciencias juridico-sociaes, por E. G.—*O agiota,* sonetos por Candido de Figueiredo.—*Aldara,* romance por Cesar de Sá.—*Desillusão,* poesia por Acacio Antunes.—*A Maria,* soneto por Antonio Cardoso.—*Aitorvic,* tradicção americana por Fernandes Rocha.—*Escuta, diz, perdôa,* poesia por C. Novaes.

CONDIÇÕES DA ASSIGNATURA

EM COIMBRA		FÓRA DE COIMBRA	
POR MEZ.....	120 REIS	POR MEZ.....	130 REIS
POR TRIMESTRE.	360 »	POR TRIMESTRE.	390 »

EXPEDIENTE

Roga-se aos srs. assignantes o obsequio de mandarem satisfazer as suas assignaturas com a possivel brevidade, dirigindo a correspondencia para a rua dos Militares n.º 43—Coimbra—a JOÃO GASPAR DE LEMOS AMORIM.

A LYRA

PUBLICAÇÃO LITTERARIA

BIMENSAL

COIMBRA

IMPRENSA ACADEMICA
1874

A LYRA

PUBLICAÇÃO LITTERARIA

MENSAL

A LYRA

PUBLICAÇÃO LITTERARIA

BIMENSAL

IMPORTANCIA DOS ESTUDOS HISTORICOS NAS SCIENCIAS JURIDICO-SOCIAES

E

O ENSINO DA HISTORIA EM PORTUGAL

IV

E, para descrença maior, e maior desanimo, e lamentavel perda de bons cabedaes scientificos, não ha neste paiz, onde falta a necessaria instrucção primaria e superabundam, além da Universidade, escolas superiores, uma escola publica ou particular, onde se explore e aprofunde a historia nacional, os grandes feitos de civilisação dos Portuguezes, menos apregoados por nacionaes que por estrangeiros, que por certo avultam nos destinos da humanidade, devidos, o que muitos ignoram, aos esforços, á perseverança, e por vezes ao martyrio do ultimo, mas generoso filho, da raça neo-latina.

E todavia, na peninsula estiveram, e pela peninsula passaram, e em demorada estação permaneceram — a civilisação romana e a civilisação christan, que, tendo-nos desvelado no berço, ainda hoje nos ampara e acalenta; a civilisação arabe, que tão profundas raizes aqui lançou, pro-

duzindo o precioso elemento mosarabe, hoje quasi obliterado entre nós; a civilisação judaica, á qual não foram completamente alheios, antes se deixaram por ella influenciar profundamente, os povos da peninsula pelo cruzamento da raça, pela assimilação de costumes e habitos, hoje tradicionaes, imitação de leis e de instituições.

Foram os dois povos da peninsula que abriram caminho amplo ás grandes descobertas; muito lhes devem a navegação e o commercio, as artes e as sciencias, a religião e a politica. Foram elles que abriram francas ao occidente as portas do oriente; foram os povos da peninsula os primeiros que levantaram o véu mysterioso que escondia metade do globo, e fizeram surgir do seio dos mares o novo mundo, o primeiro hoje, e o mais avançado na politica, na administração, na industria, na riqueza, e, o que é mais, nos bons costumes. Não foi estranha a peninsula ás grandes lutas politicas e guerras religiosas dos passados seculos;—aqui se fez sentir a influencia das cruzadas, e aqui se repercutiu o levantamento communal; — aqui a origem e o modêlo do systema representativo e municipal, e a consolidação das monarchias, a renascença em todas as suas esplendorosas manifestações, o dominio da legislação romana e canonica e da philosophia escolastica, importantes codificações, universidades notaveis, valiosas descobertas scientificas, e primorosas obras d'arte; aqui....

Finalmente a peninsula guarda importantes segredos de civilisação e progresso, que sómente a historia sabe e póde revelar, e a critica philosophica extremar dos muitos erros em que os trazem involvidos a ignorancia de uns e a superficialidade de outros; a peninsula encerra preciosos thesouros de successivas e ferteis civilisações e germens de futuro progredimento, que alheias incrustações têm sepultado no esquecimento e votado ao mais reprehensivel despreso, ou alterado e corrompido barbaramente.

(Continúa) E. G.

Á MINHA QUERIDA AMIGA

RITTA DE VASCONCELLOS ABREU,

no dia dos seus annos

Feliz de quem ao ver raiar a aurora
Do dia em que nasceu,
Não accusa, nas lagrimas que chora,
Quem a vida lhe deu!

Feliz de quem ao ver a primavera,
Toda em gala sorrir,
Não diz entre soluços—quem me dera,
Como tu, reflorir—!

Feliz de quem ao ver em cada outomno
As arvores despidas,
Não sente dentro d'alma o abandono
Das illusões perdidas!

Feliz! oh! vezes mil, tu que has passado
Por esta senda impura,
Como em verde paul deslisa ousado
O cysne, todo alvura!

Tens hoje mais um anno; isso que importa?
Não perde a juventude,
Quem a chave possue da sacra porta
Do templo da virtude!

Quando o mundo a sorrir passa orgulhoso
Das victimas que fez,
Tu escondes o rosto, pezaroso
Dos martyrios que vês!

E no seio da mãe, seguro porto
Em toda a tempestade,
Achas mimo, frescor, paz e conforto,
E eterna mocidade.

Coimbra, novembro de 1873. AMELIA JANNY.

O TEU RETRATO

A GONÇALVES CRESPO

É este o teu retrato: a mesma graça,
E o contorno de formas que seduz,
Ha no vivido olhar a mesma luz,
E um sorriso nos labios te perpassa.

Do corpete através a fina cassa
O teu collo de neve se traduz;
É um quadro sublime em que reluz
Quanta belleza ideal em ti se enlaça.

Qual Deus te ha feito te pintou o artista;
Tanto esplendor assim deslumbra a vista,
E em cada traço aqui palpita a vida.

É a mesma mulher: divina e bella;
Tam só não pôde produzir a tela
O lado de tua alma envilecida.

Coimbra—1873. SILVA RAMOS.

SAUDADE

Longe do seu olhar que me seduz,
longe d'aquelle sol que me dá vida,
eu vivo como a planta resequida
sem orvalho do ceu, sem ar, sem luz.

Coimbra. ACACIO ANTUNES.

ALDARA

II

Na carta estavam escriptas apenas tres palavras que, se podiam significar um paraiso de felicidade, tambem podiam dizer um mundo de receios e um viver de desespero: — «Fica e espera.»

—E só isto apenas, murmurou Alberto, amarrotando o papel entre as mãos, quando ha tres annos que espero sem obter uma palavra, uma unica que possa revelar-me a verdade que procuro! É a sorte d'Ashaverus. Caminha! e nem uma estrella que me guie, nem uma luz que brilhe na escuridão da minha estrada!... Isto é horrivel!

—Animo, Alberto, respondeu Aldara. Deus que protege os infelizes velará por nós e por aquella santa que procuramos. Talvez ámanhã recebas carta d'Octavio e elle tenha sabido alguma cousa.

—Talvez! Dizes bem, Aldara! É justo que no teu espirito esvoace a duvida, mesmo na hora em que buscas trazer-me consolo ao desalento. Lembra-te, porém, filha, que ha tres annos recebeste a carta fatal que me obrigou a deixar Paris para, escondido n'um canto do nosso Portugal, levar vida ignorada, até que um aviso me condemnasse a errar de serra em serra, d'aldeia em aldeia em busca d'um nome que ninguem conhece. Receio bem que me falte a coragem!

—Vacillas, Alberto, quando talvez aquella martyr, com a fronte collada ás grades da sua prisão, aguarde o momento de lançar-se nos braços do filho que a ha de salvar. Coragem, irmão! Valentes tem sido todos os da nossa raça, e não serás tu de certo o primeiro que deslustre o dourado brazão que os nossos maiores compraram com o seu sangue, n'essas epochas de lutas grandiosas que ainda hoje espantam a geração presente.

Alberto deixou pender a fronte para o peito, e, cruzando os braços murmurou apenas um quasi inintelligivel=não= Houve um momento de silencio. Fóra uma brisa serena sacudia de leve a ramagem dos cedros que ia de leve bei-

jar a velha cantaria da torre. Nem uma sombra d'aquella tempestade medonha, que poucas horas antes parecia ter querido revolver pela base a obra gigante do Senhor dos mundos, se escutava no silencio d'aquella noite profunda e escura em que um raio pallido da lua não descia a espelhar-se nas aguas do arroyo. Tudo era silencio.

O relogio do quarto d'Aldara bateu meia noite, accordando o echo do pequeno salão onde ella recebera Alberto. O mancebo meditava tão profundamente, que o não despertou a pancada sonora e vibrante da campainha. A donzella ergueu-se devagarinho para aproximar-se d'elle.

—Alberto, murmurou ella.

—Aldara, respondeu o mancebo, erguendo a fronte e sacudindo os louros cabellos que lhe orlavam aquella fronte altiva e bem talhada.

Perdoa o despertar-te, mas meia noite soou vagarosa, e é mister separarmo-nos antes que te encontrem aqui.

—É justo que nem esta felicidade possa gozar por muito tempo! Ver-nos-hemos ámanhã, Aldara, e queira o céu que em esperanças se não esvaia, como o d'hoje, o dia que ha de vir. Ao entrar aqui trazias um cofre. Serei eu quem deva abril-o?

—És. Leva-o comtigo e amanhã tel-o-has aberto antes do romper d'alva.

E Aldara entregou ao cavalleiro o pequeno cofre que havia depositado sobre a mesa, recebendo-lhe em troca um beijo n'aquella fronte pura como a dos anjos do Senhor. Depois acompanhou-o até junto da moldura que lhe escondeu a sahida. N'este momento Ruy appareceu á porta envolto n'um longo capote e com a fronte abrigada por largo chapéu. Aldara dirigiu-se a elle, que lhe estendeu a mão descarnada e secca.

(Continúa.)

CESAR DE SÁ.

EM CINTRA

Ai! é forçoso que abandone rapido
este regaço d'um tapiz gentil!
D'outra paragem que eu percorra em extasis
hei-de lembrar-te com saudades mil!

D'alli, do cimo da alcantil pyramide,
marmorea c'roa dos encantos teus,
perde-se a vista pelos verdes páramos
e a idéa perde-se a pensar em Deus!

Rainha austera de belleza innumera!
quem te bordara teu feliz sendal?...
Quem rege os mundos n'amplidão incognita?
quem manda á brisa que perfume o val?

quem deu aos labios a expressão angelica,
da imagem bella que avistei alli?
Silencio! Em tudo a Providencia é sabia:
o que ha mais bello é que expõe aqui.

Adeus! Embora que eu te fuja rapido,
encanto ameno d'este chão gentil,
d'outra paragem que eu admire em extasis,
hei de lembrar-te com saudades mil.

Figueira. C. NOVAES.

ZOHRAYDA.

No harem.

(A ACACIO ANTUNES)

Sobre o leito macio reclinada,
em sonhos d'illusões ella dormia.
A cabeça na flacida almofada
em postura elegante lhe pendia.

Nos labios carmesins lhe deslisava
de mavioso dulçor brando sorriso,
e o collo docemente s'emballava
em sonhos d'ignorado paraiso.

Nos braços d'alabastro cai-lhe a trança....
e entre a rede de *gaze* se revella
a nevura do seio que o olhar cança.

N'um anceio suave acorda a bella...
um olhar langoroso em torno lança...
—e atraz do cortinado o eunucho vela...

Coimbra. GASPAR DE LEMOS.

A MONSIEUR L'ABBÉ C...

Ce bon petit monsieur qui prêche et dit la messe
Est né pour *protester* contre les protestants;
Mais, quand il parle au peuple, on dit que sa maitrêsse
Proteste contre lui... aux bras de ses amants.

Porto. GUILHERME BRAGA.

AITORVIC

(Tradicção americana)

O capitão afastou-se de Nahuel-Huapi, seguindo as margens do rio Negro. Them-Cani, occulto por um comoro de terra e prevenido d'arco e frecha, escutava os desventurados amantes. No momento em que o prisioneiro se ausentava, viu a filha cahir desfallecida. O capitão, veloz como um gamo, descia a ribanceira, sem ao menos voltar a cabeça. Them-Cani quizera chamal-o; mas, chefe dos Aucas, tinha-se compromettido com as tribus Huelchas, Moluchas e Nanquelas, e, na manhã do dia seguinte, Aitorvic devia desposar Pullu-Thapi.

O indio contemplava a pobre filha estendida sobre a herva. Instantes depois, viu-a erguer-se de subito e olhar, tremula, para todos os lados. Them-Cani chamou-a; mas Aitorvic, presa de crueis soffrimentos, correu para o rio e precipitou-se na sua profundeza.

Do sitio em que estava Them-Cani não podia lançar-se á corrente impetuosa. Ser-lhe-ia preciso algum tempo para chegar até lá. Do cimo do outeiro, accordou os echos com tristes lamentos... E, no emtanto, a filha, involvida em espuma, era arrastada pelas ondas.

A misera, despenhando-se no rio, quizera encontrar alli o termo dos seus dias. De quando em quando, apparecia á superficie e era impetuosamente arrojada contra os penedos. A correnteza das aguas a ia levando cada vez para mais longe. Them-Cani abalava a profunda quietação da noite com os seus dolorosos gemidos.

O luar era esplendido; dir-se-ia que o sol allumiava a terra; reinava por toda a parte um silencio sepulchral.

—Aitorvic, Aitorvic, anjo da minha alma, tem piedade do teu pae, exclamava o cacique, como se quizesse, com a voz, penetrar a profundeza das aguas e enternecer a filha com a dôr que o lanceava; mas a desditosa tinha perdido os sentidos e as ondas rolavam-na para o mar.

Deus amerceou-se da moribunda e quiz que ella apparecesse á flor d'agua, qual cysne adormecido na corrente.

Um homem, que descançava naquelles sitios, avistou-a, e, para a salvar, lançou-se ao rio. Mergulhou como um peixe, lutou com a morte, e, momentos depois, appareceu com o corpo de Aitorvic. Them-Cani, que corria para disputar ás ondas o thesouro do seu coração, estacou, vendo outro, mais prompto do que elle, voltar para terra com o precioso fardo, conchegar a si Aitorvic, cobril-a com o poncho e orvalhar-lhe a fronte com lagrimas, que pareciam distillar-lhe d'alma gota a gota.

Them-Cani, através das arvores, presenceava esta scena pungente e sublime.

A filha do cacique começou a respirar; abriu os olhos e a admiração pintou-se-lhe na physionomia. Julgou ter despertado na eternidade. Enlaçou com os braços o collo do capitão, contemplando-o silenciosa 'naquella melancolia

sublime que o peccador não conhece, que é a vida da innocencia quando ama, que deve ser o espirito de Deus e que se não póde definir na terra; melancolia que sentem as almas justas, quando a dôr vem atormental-as, quando a esperança lhes foge, quando só encontram refugio na caridade celeste; melancolia que é a idéa do perdão e da misericordia divina.

Them-Cani queria aproximar-se e estreitar em seus braços um amigo tão nobre e tão caro; mas, receiando trahir a sua presença, encobriu-se com as hervas e conservou-se immovel.

Aitorvic, suffocada pelos soluços, beijava como louca a fronte do capitão; depois, ajoelhou-se, ergueu as mãos, e, com os olhos inundados de lagrimas, assim lhe fallou:

—O teu adeus será o derradeiro momento da minha vida. Volta, meu amor, volta para a tenda de Them-Cani. Dir-lhe-ei que te adoro. Queres fugir-me! Não vês que me matas?

O capitão tambem chorava.

—Escuta-me, estrella da tribu d'Auca, disse elle tristemente; se eu fosse um dia a causa de Them-Cani derramar uma só lagrima, amaldiçoaria a tua memoria. Se queres que eu te bemdiga, que a tua recordação seja a alma da minha alma, jura-me que viverás para ser o amparo d'aquelle pobre velho. Deves fazer com que termine a guerra sanguinolenta que enche de lucto e de estragos os cimos dos Andes, os pampas e as ferteis planicies. O ceu assim o quiz. Faça-se a vontade de Deus. Vive para que eu te bemdiga sempre, para que, mesmo no derradeiro momento da minha existencia, pronuncie agradecido o teu nome. Juras-m'o, minha querida Aitorvic?

—Sim, juro, respondeu a indiana, fazendo um esforço supremo.

(Continúa) Traducção de FERNANDES ROCHA.

HONTEM E HOJE

Ainda hontem — ditoso que eu era! —
em meus braços, febril, te cingia,
e comtigo na célere walsa,
mil delicias, contente, fruia.

Ainda hontem, gentil moreninha,
andaluza d'olhar fascinante,
me encantaram teus meigos colloquios,
me enlevou teu sorrir provocante.

Ainda hontem, archanjo innocente,
attrahia-me a tua candura,
e teu rosto formoso eu mirava
em arrobos d'infinda doçura.

.....
.....
.....

Oh! mas hoje a visão dissipou-se!
Sou desperto do sonho formoso!
Só me resta lembrar com saudade
Horas rapidas d'intimo gozo!

Vagos—fevereiro—1874. ALBERTO CARLOS

UNÇÃO

A...

És como a rosa que abriu
ao raiar o doce alvor....
Tu abriste os seios d'alma
aos raios do meu amor.

Coimbra. GASPAR DE LEMOS.

AUSENCIA

Vento que gemes nas copadas arvores
como um suspiro que meu peito ergueu,
vai, corre, diz-lhe que a saudade esmaga-me
e quem suspira que sou eu... sou eu!

Vai-lhe brincar com seus cabellos, beija-lh'os,
e depois volta que te espero, vem!
traze comtigo um d'esses fios d'ébano,
mas que o não veja mais ninguem... ninguem!

Ó avezinha, cala os cantos celicos,
minh'alma é triste, e o teu cantar sorri;
cala-te, e vôa juncto d'ella, rapido,
conta-lhe as queixas que me ouviste aqui.

Diz-lhe o que soffro neste escuro exilio,
dês que me falta a luz do seu olhar.
Parte! Ai, que o fogo da saudade abraza-me
não poder eu tambem voar... voar...

Ó lua, tu que a vês do espaço ethereo,
diz-me: ella chora?—Vê: será por mim?
Conta-lhe que eu tambem cá choro a ausencia,
astro saudoso, vai dizer-lh'o, sim?

E, quando acaso com seus olhos languidos
ella de lá tambem te contemplar,
num dos teus raios, meiga lua, traze-me,
traze-me um raio do seu doce olhar!...

Agosto de 1873. ACACIO ANTUNES.

SUMMARIO

Importancia dos estudos historicos nas sciencias juridico-sociaes, por E. G.—*Á minha querida amiga Ritta de Vasconcellos Abreu, no dia dos seus annos*, poesia pela Ex.ma Sr.ª D. Amelia Janny. — *O teu retrato*, soneto por Silva Ramos. — *Saudade*, poesia por Acacio Antunes. — *Aldara*, romance por Cesar de Sá.—*Em Cintra*, poesia por C. Novaes.—*A monsieur l'abbé C...*, poesia por Guilherme Braga. —*Zohrayda*, soneto por Gaspar de Lemos.—*Aitorvic*, tradicção americana por Fernandes Rocha. — *Hontem e hoje*, poesia por Alberto Carlos.—*Unção*, poesia por Gaspar de Lemos. — *Ausencia*, poesia por Acacio Antunes.

CONDIÇÕES DA ASSIGNATURA

EM COIMBRA		FÓRA DE COIMBRA	
POR MEZ.....	120 REIS	POR MEZ.....	130 REIS
POR TRIMESTRE.	360 »	POR TRIMESTRE.	390 »

EXPEDIENTE

Temos recebido e agradecemos cordealmente a troca das seguintes publicações: *Tribuna*, *Harpa*, *Jornal de Coimbra*, *Club*, *Liz* e *La Guirnalda*.

Toda a correspondencia relativa a esta publicação deve ser dirigida a JOÃO GASPAR DE LEMOS AMORIM, rua dos Militares, n.º 43.

A LYRA

PUBLICAÇÃO LITTERARIA

BIMENSAL

COIMBRA

N.º 4

IMPRENSA ACADEMICA
1871

A LYRA

PUBLICAÇÃO LITTERARIA

BIMENSAL

IMPORTANCIA DOS ESTUDOS HISTORICOS NAS SCIENCIAS JURIDICO-SOCIAES

E

O ENSINO DA HISTORIA EM PORTUGAL

V

Ao passo que outras nações estabelecem cursos especiaes para o estudo da historia de Portugal, [1] como sendo de bom ensinamento e salutar exemplo, nós quasi que a despresamos ou tratamos superficialmente, para estafar a memoria com os inverosimeis romances e espantosas fabulas dos Assyrios, Babylonios, Chaldeus e outros. E' assombroso!

Os estudos historicos, bem como os philosophicos, fazem-se, entre nós, apenas elementar e desordenadamente nos cursos dos lyceus, escravisados aos programmas officiaes, que, força é dizel-o, não correspondem de modo algum ás necessidades do ensino superior, e até ficam muito áquem das exigencias do ensino secundario, não podendo por isso encher este vacuo immenso de sciencia historica, que a ignorancia ou a superficialidade, o cahos dos factos ou a

Vide—*Histoire du Portugal et de ses colonies*, par Auguste Bouchot Schaefer. *Histoire de Portugal.*

anarchia dos preconceitos, illegitima e desastradamente occupam. Ha, é verdade, sabios e grandes professores de historia nos nossos lyceus, e o de Coimbra é um exemplo, um bom e nobre modelo, mas a pequenez do programma, officialmente imposto, fal-os parecer, e obriga-os contra sua vontade a ser pequenos. A liberdade do professor é nisto, como em tudo, uma necessidade insupprivel, vale e produz mais e melhor do que as emaranhadas urdiduras scientificas e litterarias das secretarias de estado. Os estatutos de 1772 eram mais liberaes e justos que as modernas leis, que pêam a intelligencia e centralisam o ensino.

A creação do *curso superior de letras* na capital promettia um bem augurado futuro para as letras patrias, e a creação de uma cadeira de philosophia da historia naquelle instituto parecia offerecer-nos garantia de ousados commettimentos e penhor de uberrimos fructos; era como a inauguração de um grande melhoramento litterario e scientifico; vieram logo depois os desenganos, e hoje se arreiga a descrença; pois apezar dos generosos e elevados esforços de tão eminentes capacidades litterarias e cultissimos espiritos, que têm dirigido e professado alli, em toda a sua altura, os estudos philosophico-historicos, limitada e pobre tem sido, e ainda é, a colheita, se por ventura a tem havido; e é assim que se perde o esforço que não produz fructos.

(Continúa) E. G.

TEUS OLHOS

A GABRIELLA FLORENTINA JUNIOR

Já viste uns olhos brilhantes
Como as estrellas dos céus?
Negros como a noite escura,
Todos graça e travessura?
—São os teus!

Já viste uns olhos fagueiros,
Vivo reflexo de Deus,
Que pedem—sempre sorrindo,
Que mandam sempre—pedindo?
—São os teus!

Já viste uns olhos que abrazam
No fogo dos raios seus?
Que embriagam quem os fita?
Que ao vel-os a alma se agita?
—São os teus!

Já viste olhos que dardejam
Mil chammas, por entre veus
De pestanas assedadas,
Inveja d'húris e fadas?
—São os teus!

Já viste olhos tormentosos,
Verdadeiros escarcéus,
Onde naufraga o socego?
Onde o que vê fica cego?
—São os teus!

Já viste uns olhos que provam
Que Deus existe, aos atheus?
Que fazem curvar rev'rente
O santo e o impenitente?
—São os teus!

Gabriella, é que os teus olhos
Alguem do céu os roubou
Em hora que Deus dormia!
E, dês d'então, a poesia
Cá ficou!...

Coimbra. AMELIA JANNY.

CULTO

Como o lyrio adora o rócio
que mitiga a sua ardencia,
minha alma adora o perfume
da tua santa innocencia.

Coimbra. GASPAR DE LEMOS.

AURORA E OCCASO

AO MEU CARO ACACIO ANTUNES [1]

Eu via os astros recamando a esphera;
O sol tinha fulgor;
toucava-se de flores a primavera;
tinha murmurio a fonte e a brisa aroma...
—mas não achava um anjo de aurea côma
que me acordasse o amor!

Rasgou-se um novo céu! Visão beatifica!
deparo-te radiante de candura...
E os candidos albores do crepusculo
banharam-me a existencia com doçura.

Vieste, anjo do resgate! As niveas azas
desprendem raios mil
da luz do amor com que a minha alma abrazas!
Abre o sanctuario do teu peito doce
aos suspiros do affecto! O veu rasgou-se
ao sol do meu abril!

[1] De ha muito que me povoava a idéa uma dedicatoria assim, mas não o fazia por detestar o fausto vão que vai pelo mundo. Amo a verdade sem atavios. C. N.

Mulher ideal! purissima deidade!
eu quero ungir de beijos plaino ou fraga
onde tocar teu pé de divindade,
aonde passar a brisa que te afaga!

Um riso teu, e a vida é mar de rosas!
Volve-me um doce olhar...
afunda-me nas vagas luminosas
do abysmo de fulgor, que em vão sonhava!
olha que me devora a ingente lava
d'um infinito amar.

.....

Porque é que te encontrei, meteoro ephemero?
onde escondeste a côma encantadora?
hei de tornar a ver teu rosto angelico?
hei de já vêr no occaso a minha aurora?

Hei de esmagar no peito a chamma ardente
d'este profundo amor,
que morre ao despontar do sol nascente?
Por que vieste espinhar o meu caminho
e foges, pomba ignota, a ignoto ninho
legando-me esta dôr?!

Foste o divino plectro que feriste
as cordas delicadas d'esta vida...
E acaso sabes que em meu seio abriste
uma perpetua noite, á luz nascida?!

Isso não sei! mas sei que já não posso
esquecer-me de ti!
Sei que este amor infausto é um colosso;
sei que hei de arrancar da alma a grata origem
quando a morte me enlace na vertigem
de quem jámais sorri!

Figueira, abril de 1874. C. NOVAES.

ALDARA

III

Ruy de Paiva era homem de cincoenta annos, de estatura elevada e de porte magestoso. O cabello algum tanto esbranquiçado orlava-lhe a fronte pallida mas espaçosa, onde um longo meditar, talvez, tinha traçado sulcos profundos. Os olhos eram de uma viveza estranha para similhante idade, e a longa barba, que lhe descia até o peito, espêssa e vasta, principiava de nevar-se pouco a pouco, tornando mais nobre e mais imponente ainda aquella figura, já de si tão distincta.

Qual o seu viver, difficil era sabel-o. Senhor d'uma casa magnifica e d'uma quinta formosissima, Ruy passava, apesar d'isso, muitas horas do dia fechado no seu gabinete, e á tarde sahia, a mór parte das vezes sosinho, por serras e valles, para de lá volver, regularmente, pelo meio da noite.

Qual o fim d'estas excursões em epocha alguma interrompidas desde o momento em que havia chegado ao valle para aproveitar o velho castello e transformal-o n'um paraizo, ainda se não tinha adivinhado, e, se por alguem fôra descoberto o segredo, callara-o comsigo para que lh'o não roubassem.

Havia quinze annos, diziam, que aquelle homem tinha vindo habitar alli com Aldara, então muito criança ainda. A um e outro cubria pesado luto, e a tristeza de Ruy era tamanha que as pessoas entradas ao seu serviço se não atreveram nunca a indagar o motivo d'aquella vinda mysteriosa. Passava então horas beijando a criança, e algumas vezes os criados lhe viram os olhos humedecidos de lagrimas, quando contemplava o infantil brincar do anjo, que mais tarde se tornaria a mulher formosa que encontramos aguardando Alberto.

Por muitos mezes Ruy se conservou no castello sem sahir e sem ser procurado por pessoa alguma. Parecia ser-lhe grata aquella solidão a que tambem condemnava a pobre criança que com elle vivia; mas uma vez, pelas dez horas d'uma noite de dezembro, a sineta do portão, tocada com

força, indicou a aproximação de um homem de aspecto carrancudo, que, sendo recebido pelo dono da casa logo depois de annunciado, conferenciou com Ruy de Paiva até o romper do dia, partindo novamente pelos atalhos que conduziam á levada. Pela tarde d'esse dia, Ruy tomou a clavina e sahiu para voltar pela meia noite, e desde então, quer o tempo estivesse sereno quer tempestuoso, continuou sempre as suas excursões nocturnas sem que uma só vez as interrompesse.

Visitas nunca mais as recebeu, e mesmo uma senhora ingleza, de edade algum tanto avançada, que chegou á herdade para educar Aldara, por dez annos se conservou alli sem que alguem a procurasse.

Reflectindo um pouco neste viver mysterioso, parecia que algum segredo importante se dava na vida d'aquelle homem, quasi sempre scismador e triste, segredo que o forçava ao mais solitario viver, a não acreditar que, abandonado de todos, procurava atravessar existencia ignorada no meio d'aquellas serras que se erguiam medonhas a tocar o céo, formando o valle onde se ostentava o castello.

O seu rosto, um pouco pallido, trahia uma d'estas tristezas que nada, nada pode apagar; e passavam os dias sem que um sorriso lhe assomasse aos labios, a não ser quando abraçava a sua Aldara, unica pessoa a quem parecia dedicar toda a sua affeição.

(Continúa.)

CESAR DE SÁ.

LEMBRAS-ME SEMPRE!

(IMITAÇÃO)

Se a borboleta do calix
D'um lyrio aos ares se ergueu
Lembras-me, estrella dos valles!
Lyrio do ceu!

JOÃO DE DEUS.

Se a aurora vem sobre as flores
Derramar o dia a flux,
Lembras-me, sonho d'amores!
Mimosa luz!

Se o astro vem, mais brilhante,
Lapidar gottas na flor,
Lembras-me tu, diamante!
Rubim d'amor!

Se, no rosal da fontinha,
O rouxinol vai trinar,
Lembras-me tu, avezinha!
E teu cantar!

Se a pombinha em veia d'agua
Treme as pennas, como a rir,
Lembras-me, allivio da magua
No meu porvir!

Se na praia eu me demoro
E vejo a espuma do mar,
Lembras-me, Venus que adoro
No meu altar!

Se, ao descahir no occidente,
Se immerge o sol todo alli,
Lembras-me, nuvem fulgente
Que n'alma vi!

Se apparece a lua altiva,
Quando o sol desappar'ceu,
Lembras-me, luz pensativa
D'este meu ceu!

E, se á beira d'um jazigo
Marmoreo anjo pender,
Lembras-me tu, anjo amigo!
=Quando eu morrer.

Figueira. JOSÉ D'ORNELLAS.

AMARINA

Quando á noute, tristonho e sem alento
repouso no meu leito, fatigado,
eu penso, anjo meu idolatrado,
que escutas de minha alma o seu lamento...

Ai, filha, é tão meiga esta illusão,
que me faz minguar a minha dôr!...
Se eu te amo tanto, tanto! se este amor
é amor sem esp'rança, anhelo vão...

Mas quando o doce somno s'inclina
na fronte que reveste a pallidez,
e ao meu seio minora o seu soffrer,

sonho vêr tua face peregrina
na minha recostada em languidez,
e em teus labios a vida então sorver!...

Coimbra. GASPAR DE LEMOS.

INNOCENTE

(A C. NOVAES)

Que olhar! que olhar o teu! que fogo lança!
é como a luz do sol que cega a gente,
quando se olha de frente.

E o negro ondeado d'essa trança
meio solta com tanta singelesa!
Vai nella a gente presa.

A rosa empallidece quando córas,
e o lyrio perde a tão nevada côr,
se empallideces, flor.

Teus olhos... fico ás vezes horas e horas
a pensar se serão duas estrellas
— ainda assim das mais bellas.

Pois Deus não poz no ceu tantas e tantas?
Ora tu, que possues nesse teu rosto
do ceu todo o composto,

francamente, não sei de que te espantas;
não é para admirar que tu possuas
tambem, ao menos, duas.

Que linda que tu és, que linda, quando
teus labios entreabres num sorriso,
mostrando o paraizo!

Que eu tambem gosto de te vêr scismando,
que parece buscares outro mundo
lá nesse ceu profundo.

Quando passas por mim, sinto desejos
de ser então doirada borboleta
e volitar inquieta

em torno a ti, roubando-te mil beijos.
Mai, ai! a gente pasma e nem se atreve
a tocar-te de leve!

Que é como se passasse um anjo, ou santa
das que estão no altar; quem ha de haver
capaz de te offender,

perante essa expressão que arrasta e encanta,
que ao chão nos prega, immobilisa e prende,
que se não comprehende?

Mas, ai! filha, estremeço de te vêr
na varanda á noitinha debruçada
como a flor pendurada

na haste debil que o vento faz tremer
á beira da corrente! Ai! pobre d'ella,
se a furia da procella

comsigo a arrasta, ou se impia mão lhe córta
o fio estreito que a sustem. E eu scismo
naquelle immenso abysmo

sobre o qual a innocencia pende. Ai! morta
antes te q'ria vêr, pomba nevada,
que nelle despenhada.

Coimbra. ACACIO ANTUNES.

AITORVIC

(Tradicção americana)

O capitão poz ás costas Aitorvic, e partiu. Ao despontar da aurora chegou á tenda de Tem-Cani, que, maravilhado, os seguia, protegido pela escuridão.

—Adeus! lhe disse elle, deixando-a á porta da casa paterna. O anjo do Senhor te proteja! Põe ao pescoço esta medalha da Virgem, e não me esqueças nunca, Aitorvic! Adeus, joven cacique; adeus, anjo querido!

A indiana estreitava em seus braços o capitão, sem lhe dizer uma palavra. Chorava, chorava como criança e olhava-o com dôr infinita.... Depois, atribulada, dirigiu-se para a tenda de seu pae.

—Joven cacique, lembra-te do teu juramento, exclamou o capitão, quando Aitorvic, voltando-se, como fascinada por um relampago, erguia ao ceu as mãos supplicantes, e invocava a piedade d'aquella alma tão forte, tão leal e tão generosa.

A filha do cacique seguiu com os olhos os passos rapidos d'aquelle homem que, pouco depois, atravessava o rio para nunca mais voltar á tenda, nem ás margens do Nahuel-Huapi.

—Espera, que te quero abraçar! exclamou então Them-Cani.

O capitão lançou-se nos braços do amigo. Houve alguns instantes de eloquentissimo silencio.

—Se eu podesse dar-te a minha corôa, lhe disse o indio

commovido, neste mesmo instante a terias. Se eu não tivesse promettido a mão de minha filha a Pullu-Thapi, e se d'esta união não dependesse a paz das tribus, Aitorvic seria tua esposa; e o cacique dos Aucas, o amparo dos meus derradeiros annos, serias tu. Mas as tribus reunidas em volta de Nahuel-Huapi esperam anciosas o fim do dia para celebrar o pacto solemne. Os Huelchas são terriveis. O fogo devastaria as planicies onde reina a paz, e o sangue correria em torrentes; as viuvas e os orphãos amaldiçoar-me-iam, nessa hora, se Aitorvic não fosse realisar a minha promessa. Faça-se a vontade de Deus! Tu, meu bom amigo, conheces bem o meu coração, porque viveste na minha tenda. O amor que a minha alma te consagra e o de Aitorvic jámais te faltarão, crê. Ensinarei os meus netos a pronunciarem respeitosos o teu nome. Dou-te todo o ouro que possuo, todos os meus rebanhos, tudo o que me pertence.

—Não, cacique, guarda os teus thesouros e sê feliz, respondeu o capitão enternecido, volto para a minha patria e de nada careço. Não te esqueças de mim.

—Vai. Deus te acompanhe e te proteja. Tenho um presentimento de que ainda virá um dia em que eu possa pagar-te a minha divida, disse o cacique com firmeza.

Assim se separaram os dois amigos. O indio encaminhou-se para Nahuel-Huapi, e o capitão passou além das fronteiras da Conceição; horas depois seguia viagem para a Europa do porto de Tabcaguano.

. . .

Ao anoitecer, Aitorvic desposou Pullu-Thapi. Quando appareceu ao cacique estava pallida de morte. As donzellas acompanharam-na até á entrada do quarto nupcial, juncando de flores os sitios por onde a noiva havia de passar. Pullu-Thapi estava estupefacto e Them-Cani olhava melancolico para a filha. As tribus entoavam alegres cantares e dançavam em redor dos esposos. A noite era linda, linda! No ceu reinava inteira paz. O ceu!... Quantas vezes está sereno! Quantas vezes, sorrindo, abandona o pobre naufrago no meio de um mar procelloso!... Onde está então a esperança? Em Deus... sim em Deus!

(Continúa) Traducção de FERNANDES ROCHA.

SUMMARIO

Importancia dos estudos historicos nas sciencias juridico-sociaes, por E. G.—*Teus olhos,* poesia pela Ex.ma Sr.a D. Amelia Janny.—*Culto,* poesia por Gaspar de Lemos.—*Aurora e occaso,* poesia por C. Novaes.—*Aldara,* romance por Cesar de Sá.—*Lembras-me sempre,* poesia por José d'Ornellas.—*Amarina,* soneto por Gaspar de Lemos.—*Innocente,* poesia por Acacio Antunes.—*Aitorvic,* tradicção americana por Fernandes Rocha.

CONDIÇÕES DA ASSIGNATURA

EM COIMBRA		FÓRA DE COIMBRA	
POR MEZ.....	120 REIS	POR MEZ.....	130 REIS
POR TRIMESTRE.	360 »	POR TRIMESTRE.	390 »

EXPEDIENTE

ERRATA.—A pagina 38, verso 14, onde se lê:—*lado,* leia-se:—*lodo.*

Toda a correspondencia relativa a esta publicação deve ser dirigida a JOÃO GASPAR DE LEMOS AMORIM, rua dos Militares, n.° 43.

BIBLIOTECA GERAL DA UNIVERSIDADE DE COIMBRA
LIVRARIA
BELISÁRIO PIMENTA